

Recursos genéticos e melhoramento de plantas

A batata é o terceiro principal alimento no mundo e, com relação à área cultivada, ocupa a oitava posição. No Brasil, a produção anual de batata é superior a 3 milhões de toneladas e são cultivados aproximadamente 100 mil hectares.

Entretanto, com os prognósticos das mudanças climáticas, a produção de batata está fortemente ameaçada. Há uma estimativa de que, só no Brasil, ocorrerá uma diminuição em 23% na produção nos próximos 50 anos. A batata é um dos cultivos mais sensíveis ao déficit hídrico. Tendo em vista o cenário do aquecimento global, há estimativas de que ocorrerá um incremento em 20% na escassez de água no mundo.

Nesse sentido, o desenvolvimento de cultivares adaptadas à condição de déficit hídrico é uma das estratégias mais importantes para assegurar a sustentabilidade da produção de alimentos frente ao novo cenário climático. A resposta das plantas à seca é uma característica quantitativa com controle fenotípico e genético complexo. Inúmeros atributos estão relacionados com os mecanismos de tolerância à seca, fazendo com que o melhoramento genético para essa característica seja extremamente complexo.

Na última década, grandes avanços foram obtidos na área de biologia molecular e, hoje, o sequenciamento do genoma de várias espécies vegetais, entre as quais, a batata, já está disponível para a comunidade científica. Fazer uso dessa informação mostra-se como uma oportunidade para que se possa desenvolver, de forma mais rápida, germoplasma de batata com maior tolerância ao déficit hídrico.

Frente a isso, estudos em fase inicial de desenvolvimento estão sendo conduzidos na Embrapa, em parceria com a Universidade Federal de Pelotas, visando identificar marcadores moleculares associados à tolerância ao déficit hídrico em batata. Com o uso da abordagem de mapeamento associativo a diversidade alélica acumulada na coleção de germoplasma do programa de melhoramento de batata está sendo explorada para identificar marcadores moleculares associados a caracteres de interesse fazendo uso de ferramentas de bioinformática.

*Pesquisadora da Embrapa Clima Temperado

Serra acumula menores na

Com quebra menor e grão valorizado, produtores da região levam vantagem

Vacaria

KELLY ISIS PELISSER

Ainda que as perdas registradas no início da colheita fiquem entre 20% e 30%, os produtores de soja da região dos Campos de Cima da Serra levam vantagem em relação a outras áreas do Estado, onde a quebra pode chegar a até 60%.

Com a produção escassa, o grão tende a ser valorizado, especialmente se estiver dentro de um padrão de qualidade média.

– Agora, a saca está sendo comercializada a R\$ 55. No ano passado, ficou, em média, em R\$ 42, o que representa aumento de 30%. Se pegarmos como base o ano de 2009, 2010, a saca custava R\$ 32. O preço agora irá compensar as perdas. Mas essa é uma realidade daqui, porque, em outros pontos do Estado, a quebra foi tão grande que alguns produtores não irão nem cobrir o custo de produção, mesmo com a soja valorizada – avalia o engenheiro agrônomo da Cooperativa Tritícola Mista Vacariense (Cooperval) Amauri Pivotto.

Em Vacaria, o plantio de soja ocupa cerca de 40 mil hectares. Conforme o agrônomo da Emater da cidade, Eduardo Pagot, a previsão é que os grãos colhidos agora, plantados mais cedo, terão perda pequena, na faixa de até 10%.

– A soja plantada no tarde terá uma quebra maior. Além da estiagem, algumas áreas foram atingidas pela geada – informa Pagot.

Chuva mal distribuída prejudicou o desenvolvimento da planta

No ano passado, a produtividade média em Vacaria ficou em 2,5 toneladas por hectare. De acordo com o agrônomo, para este ano, acredita-se que a produtividade deva ficar em 2,4 toneladas por hectare. Em **Muitos Capões**, com área plantada estimada em 43 mil hectares, a situação é semelhante.

– A soja é mais resistente à seca do que o milho. Por isso, acreditamos que a quebra deve ficar entre 20% e 30% no município.



No ano passado, a produtividade média ficou em 3,5 toneladas por hectare. Este ano, não irá chegar às 3 toneladas por hectare – explica o agrônomo da Emater de Muitos Capões, Marcelo de Figueiredo Ramos.

Conforme Ramos, a chuva foi mal distribuída durante o período de plantio e crescimento dos grãos.

– Aqueles produtores que plantaram em novembro ou dezembro enfrentaram maiores riscos, porque a precipitação não foi uniforme. Mas isso depende muito da região onde a produtividade fica. No limite com Ipê, alguns produtores perderam 60% por causa da seca. E em outros lugares, as perdas foram pouco expressivas.